

A CAMINHO DE DAMASCO

Por: **Ery Lopes**

Faremos nesta ocasião apologia a um personagem: o maior propagador do Cristianismo depois do próprio Cristo, o Apóstolo dos gentios, Paulo. Para tanto, façamos uma viagem no tempo e espaço, regredindo quase dois milênios, indo para a Palestina, onde encontraremos o povo hebreu sonhando com a glória prometida em nome de Javé, no entanto, pensando a vergonhosa condição de subjugados do Império Romano – o dono do mundo de então –, a quem era obrigado pagar impostos quase tão pesados quanto os que hoje nós pagamos – uma dureza, para um povo sem muitos recursos.

O alento é que os invasores e estrangeiros são bem tolerantes nos demais quesitos. Desta forma, os judeus têm liberdade para trabalhar, adquirir posses, comercializar e prestar seus cultos sagrados. Aliás, Roma apreciava a religiosidade judaica: não que acreditasse no Deus de Israel, mas porque a lei religiosa lhe convinha socialmente, já que os líderes religiosos se fizeram aliados dos romanos. Eles gozavam de certos privilégios e em troca ajudavam a amansar o povo, pois tudo que o César queria eram os tributos e a ordem na casa.

Sobre os impostos, não obstante a corrupção, Roma recebia boa cota da contribuição dos palestinos, porém, em relação à condição “ordem na casa”, havia um contratempo a ser resolvido: uma seita se disseminava assustadoramente rápida pelos quatro cantos de Israel, em torno de um nazareno, então reputado “Rei dos Judeus”. E olha que se trata de um falecido, aliás, crucificado publicamente para servir de exemplo. Contudo, dizem que esse suposto Cristo voltou da morada dos mortos e se manifesta vivamente por aí, prometendo a vida eterna para todos os seus seguidores. A fé nesse Jesus é tão forte que seus discípulos nada temem e tamanha é a firmeza deles que se oferecem, inclusive, à própria morte. Eis, pois, o perigo para os dominadores, já esses rebeldes destemidos podem provocar uma horda contra a ordem pública e provocar uma guerra contra os romanos. Quem também não está nada satisfeita é a classe dos líderes religiosos do judaísmo, uma vez que vê ameaçados os seus privilégios.

Logo, é preciso uma resposta dura e decisiva. Para tal intento, um batalhão foi destacado especialmente para caçar e triturar os cristãos. Para ir à frente desse exército fora designado um jovem muito promissor em Jerusalém – não apenas pela sabedoria adquirida pelo fervoroso estudo, bem como pelo zelo que presta às tradições da Torá. É Saulo, natural de Tarso, cidadão romano, embora tenha raízes judaicas. Educado na fé de Jeová, foi discípulo de Gamaliel, de quem herdou o título de fariseu. Os fariseus formavam o grupo que regia as leis religiosas em Israel. Sua fé no judaísmo o fez contrair uma verdadeira obsessão pela caça aos cristãos.

Devidamente respaldado pelas autoridades israelitas e romanas, com quem ele abraçou a missão de exterminar os rebeldes seguidores de Cristo, com um fervor sem igual. Em pouco tempo, a fama do inquebrantável Saulo de Tarso espalhou-se entre os judeus. Aquele que fosse capturado pregando o Evangelho seria implacavelmente torturado, e quando não, crucificado, a exemplo de seu Mestre.

Uma das mais ousadas investidas de Saulo – que grande comoção derramou entre os irmãos do caminho – foi contra Estevão, tutelado de Pedro (o chefe dos Apóstolos). Estevão era muito querido entre os cristãos e um reconhecido orador. O próprio Saulo participou do seu apedrejamento – com cruel deleite. Este é o mesmo Santo Estevão, celebrado pela Igreja como o primeiro mártir cristão, que dá nome a tantas paróquias e a quem tanto se dedica promessas. E tem mais um detalhe capital sobre Estevão: ele era irmão

de Abigail, a mulher que Saula amava e havia escolhido para ser sua esposa – sem que eles soubessem desse parentesco. Quando Abigail soube da execução do irmão, porque era educada na fé cristão, perdoou o algoz, mas rompeu o noivado definitivamente.

Com o coração dilacerado pela perda da mulher predileta, Saulo só encontra prazer em sua campanha anticristã. Havia sido informado de um grande movimento dos discípulos de Jesus em Damasco (hoje capital da Síria), para onde partiu decidido a deixar sua marca de caçador. Não sabia ele que, a caminho de Damasco, protagonizaria a mais extraordinária das conversões.

Seguia Saulo de Tarso com seus soldados fortemente armados quando uma luz radiante se plasmou à sua frente. Os demais nada viam e por isso ficaram confusos em meio aquele brilho incomparável, mais excelso até que o Sol, já que estavam em pleno meio-dia. Saulo arrefeceu-se e literalmente caiu do cavalo, uma vez que o animal também teve a capacidade de ver a luz e, assustado, arremessou o romano ao chão.

Caído e prostrado, Saulo ouviu uma voz retumbante se dirigir à sua pessoa:

-- Saulo, Saulo: por que me persegues?

-- Quem sois vós, Senhor? – atreveu-se a indagar o tarsense, soluçando.

A voz ressoou irresistível autoridade, conquanto carregasse meiguice:

-- Eu sou Jesus.

O Ungido aproximou-se de Saulo, tocou seus ombros carinhosamente e lhe reanima.

Saulo ali estava desmoralizado por si mesmo, desmascarado pela Verdade que ele mesmo viu. Chorou as dores da injustiça que cometera e do ódio que desenvolvera contra os irmãos divinos. Lembrou especialmente de Estevão – que deveria ser seu cunhado e irmão de fé. Sofreu os atrozes suplícios da consciência desvelada, a caminho de Damasco.

Revelando-se outra face ofertada, pregada por Jesus, mas nobremente, por reconhecer a Verdade, Saulo se entrega resoluto:

-- Senhor, que queres que eu faça?

Era outro homem, doravante a ser chamado “Paulo”: não mais Saulo, o perseguidor; agora, Paulo, o apóstolo dos gentios (como eram chamados os outros povos, não israelitas), pois, se havia sido fervoroso soldado anticristão, infinitamente mais fervoroso haveria de ser como pregador do Cristianismo.

Sob as orientações de Jesus, Paulo dispensa os soldados a voltarem a Jerusalém, a fim de eles contassem o que a Glória do Senhor fizera com ele. Ficou apenas com um deles, para guiá-lo a Damasco, pois Paulo perdera a visão depois de assistir ao brilho do Messias.

Levado ao encontro do velho Ananias, devoto missionário dos irmãos do Caminho, Paulo foi abraçado como se fosse familiar. E depois da oração de louvor do ancião, voltou a enxergar.

Recolheu-se por três anos para estudar os pergaminhos evangélicos entregues por Ananias, preparando-se para o seu ministério. De volta a Jerusalém, foi apresentado a Pedro e aos demais apóstolos, que a princípio temiam fosse uma armadilha. Finda a desconfiança, conforme as garantias passadas pela espiritualidade, Paulo entrega-se aos trabalhos de evangelização, sem imitação. Sai de cidade em cidade, levando a mensagem da Boa Nova a todos os povos. Fez três grandes viagens, cortando a Grécia, a Macedônia e Ásia Menor, fundando igrejas e escolas apostólicas.

Desenvolveu fantástica mediunidade, inclusive de cura, com a qual operou incríveis fenômenos, mas sustentou-se pelo labor das próprias mãos através do ofício de tecelão. Em suas andanças, trouxe para o Caminho Lucas, então médico de homens e o converteu em “médico de almas” – como o próprio Paulo o intitulou.

Experimentou muitas adversidades e várias vezes foi preso. Dizia ser um momento salutar para reflexão e reprogramação dos trabalhos a cumprir. Nesses tempos de cárcere foi que escreveu as suas epístolas, cartas às igrejas que fundara no itinerário de suas peregrinações, cartas essas que compõem o Novo Testamento da Bíblia. Entre as quais se extrai o que talvez seja o mais lindo capítulo bíblico: o décimo

terceiro capítulo da epístola à comunidade de Corinto – chamada comumente de “Hino à Caridade” –: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, sem amor eu nada seria...”.

Seus textos demonstravam rigoroso comprometimento com seus apóstolado e a mais incontestável fé na vida eterna. Fala dos dons espirituais, da disciplina do verdadeiro cristão, exorta ao “bom combate”, guiando e encorajando no amor e na dor.

Sessenta e quatro anos depois de Cristo Paulo foi martirizado por ordem do Imperador César, sendo recebido no Plano Espiritual por Ananias e Gamaliel, que o levaram a um passeio sobre as igrejas fundadas pela ação paulina, para depois ir ter com Abigail e Estevão, e finalmente ser abraçado pelo próprio Jesus Cristo.

Para quem deseja se aprofundar no sublime exemplo de Paulo, além de suas próprias epístolas bíblicas (Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Timóteo, Tito, Filémon e Hebreus), e do livro Atos dos Apóstolos, recomendamos a obra de Emmanuel “Paulo e Estevão”, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier – uma verdadeira obra-prima.

A conversão de Saulo de Tarso para Paulo, o Apóstolo dos gentios, nos remete a uma reflexão ponderada: estamos todos no nosso caminho de Damasco, cada qual montado em seu cavalo mais ou menos imponente, cheio de virtudes ou de orgulho. Seguimos obstinados com nossos propósitos e os julgamos justos e honrosos.

Mas para todos, a Luz do Salvador brilha, vez ou outra, embora nem todos tenham a coragem de dizer como Saulo: “Senhor, que queres que eu faça?”. Uns até o fazem, mas em seguida permanecem cegos sem o comprometimento. Outros esmorecem-se depressivos com o passado atordoante. Alguns mais usurpam os valores, adaptando os valores cristãos aos seus próprios interesses imediatistas. Todavia, essas fraquezas são temporárias, porque ao final, invariavelmente, depois de martirizarmos nossas imperfeições, haveremos todos de cairmos nos braços de Jesus.

Tenhamos coragem nossa caminhada a Damasco, busquemos a Luz e nos entreguemos ao Bem maior. Agora, pois, permanecem essas três coisas: fé, esperança e caridade. **A maior delas é a Caridade.**

www.luzespirita.org.br